

FAISCA – Feira agroecológica de inclusão social, cultura e artes

FAISCA - Agricultural fair for social inclusion, culture and arts

DOI:10.34117/bjdv7n4-063

Recebimento dos originais: 18/03/2021

Aceitação para publicação: 04/04/2021

Alessandro Faria Araújo

Filósofo pela PUCPR, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUCSP e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável da UNIOESTE
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Endereço: Avenida Ítelo Weber, s/n, lote 2, bairro Navegantes/Aeroporto, Cascavel,
Paraná

E-mail: alepetpop@gmail.com

Max Emerson Rickli

Zootecnista pela UEM, Mestrado em Zootecnia na UEM e doutorando em biotecnologia aplicada à agricultura pela UNIPAR

Universidade Paranaense

Endereço: Rua Raul Destro, 3927, Jardim Paris, Umuarama, Paraná

E-mail: merickli@uem.br

Ronaldo José Moreira

Mestre artesão autodidata, ex-conselheiro nacional de Economia Solidária e terapeuta comunitário com Adalberto Barreto

Endereço: Rua Ítelo Weber, s/n, lote 2, bairro Navegantes/Aeroporto, Cascavel, Paraná

E-mail: ronmoreira@gmail.com

Claudia Dias Rezende

Psicóloga Social pela UNIPAR

Universidade Paranaense

Endereço: Avenida São Paulo, 5401, Centro, Umuarama, Paraná

E-mail: psico_claudiarezende@hotmail.com

Júlio Augusto

Engenheiro Agrônomo pela UEM

Universidade Estadual de Maringá

Endereço: Rua Joaquim Coelho da Silva, 45, Centro, Kaloré, Paraná

E-mail: Julio.augusto17@gmail.com

Thiago Casoni

Comunicação Social pela UNICENTRO

Universidade Estadual do Centro Oeste

Endereço: Avenida Brasil, 4546, Edifício Ilheus, Centro, Umuarama, Paraná

E-mail: thiagocasoni@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca enunciar o trabalho de incubação universitária qual culminaria na realização de uma feira agroecológica que, primeiramente, se destinaria a atender os empreendimentos assessorados pela IEES/CAU/UEM, Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Estadual de Maringá, localizada no campus avançado de Umuarama, Paraná. Não obstante tendo assegurado seu objetivo, a FAISCA – Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultura e Artes, além de atender a demanda de escoamento da importante produção agroecológica de assentados da reforma agrária, de pequenos agricultores da agricultura familiar da região e do artesanato sustentável de entidades assistenciais públicas e privadas do município, também acabaria por se notabilizar no contexto regional ao oferecer um espaço público acessível de visibilidade a movimentos sociais e culturais. Tal dinâmica de inclusão criativa e produtiva suplantaria o trabalho incubatório ao estabelecer uma plataforma extensionista de permanente apresentação de seguimentos artísticos locais permeados por potencialidades acadêmicas e solidárias antes invisíveis à comunidade e ao próprio processo de incubação.

Palavras-chave: trabalho, incubação, feira agroecológica, inclusão, cultura.

ABSTRACT

This article seeks to enunciate the university incubation work which would culminate in the realization of an agroecological fair that, first, would be destined to attend the projects advised by IEES / CAU / UEM, Incubator of Solidary Economic Enterprises of the State University of Maringá, located on the campus forward from Umuarama, Paraná. Despite having ensured its objective, FAISCA - Agroecological Fair for Social Inclusion, Culture and Arts, in addition to meeting the demand for disposal of the important agroecological production of agrarian reform settlers, small farmers in family farming in the region and sustainable handicrafts from public and private assistance entities in the municipality, would also end up standing out in the regional context by offering an accessible public space of visibility to social and cultural movements. Such dynamic of creative and productive inclusion would supplant the incubator work by establishing an extension platform for permanent presentation of local artistic segments permeated by academic and solidary potentials previously invisible to the community and the incubation process itself.

Keywords: work, incubation, agroecological fair, inclusion, culture.

1 INTRODUÇÃO

“A ideia de bem comum, de bem-estar coletivo e sistêmico é a que está na base da proposta do empreendedorismo solidário, cujos princípios de eficiência estarão vinculados ao meio ambiente e a toda sociedade, não apenas aos resultados econômicos obtidos pela unidade empreendedora”¹.

¹ VERONESE, Marília Veríssimo. **Psicologia social e economia solidária**. Aparecida: Ed. Ideias & Letras, 2008, pg. 44.

Os repetidos retrocessos estruturais urbanos ou rurais das pequenas e médias cidades brasileiras, somados ao reflexo de uma crise financeira e política na estrutura do governo e entidades de fomento, ou as atuais dificuldades institucionais do trabalho², exigiam inovações decisivas do aparato de incubação para realizar assessorias tecnológicas direcionadas a diferentes demandas, grupos sociais ou indivíduos. A histórica condição precária de importantes estradas do interior paranaense que levam aos assentamentos e pequenas propriedades rurais da região constantemente inabilitadas pelas chuvas³, a inabilidade de gestores públicos para constituir parcerias com a universidade, aliada à ignorância sobre políticas públicas de geração de trabalho e renda⁴, representaram apenas parte da diversidade de fatos, conceitos e estudos necessários ao entendimento e enfrentamento diário do complexo exercício da incubação. Foi mesmo a experiência de trabalho na IEES/CAU/UEM e a consciência social do delicado momento político estrutural, qual mobilizaria esforços coletivos⁵ para consolidar este processo de incubação de empreendimentos econômicos solidários em municípios do noroeste paranaense⁶, realizando um projeto de extensão que efetivasse a finalização da cadeia produtiva⁷ de abastecimento⁸ e permitisse o livre acesso e comércio de produtos e serviços desenvolvidos nas organizações sociais, um patamar quase inacessível para os grupos que sofrem com a exclusão do mercado formal.

Criada em 2006, a Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários de Umuarama faz parte do Núcleo/Incubadora da UEM, dentro do Programa Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho, programa diretamente ligado ao gabinete do reitor da Universidade Estadual de Maringá, e à UNITRABALHO – Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho que congrega reitores de 92

² SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 2003, pg. 65.

³ SIMÕES, Camila. **PR-468 entre Umuarama e Mariluz está entre as piores rodovias do estado**. Curitiba: Paraná-RPC/Globo, 05-11-2015.

⁴ CARVALHO, Ana Maria R.; LADEIA, Carlos R. (Orgs.). **Metodologia de incubação e de diagnóstico participativo: estratégia de trabalho com grupos populares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, Bauru: Canal 6, 2016, pg. 12.

⁵ HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline M. (Orgs.). **Economia solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra: Edições Almedina S. A., 2011.

⁶ Processo desenvolvido através do edital de fomento MCTI/SECIS/MTE/SENAES/CNPq – 89/2013 – Apoio ao fortalecimento de Incubadoras Tecnológicas de Economia Solidária.

⁷ VIAL, Luiz A. M.; SETTE, Tania C. C.; SELLITTO, Miguel A.. **Cadeias produtivas: foco na cadeia produtiva de produtos agrícolas**. Florianópolis: UFSC, III Encontro de Sustentabilidade em projeto do Vale do Itajaí, 2009.

⁸ SILVA, Gustavo P.; PARIS, Julio C.; SAMBORSKI, Tarcísio; DÖOR, Andrea C.. **Perfil e percepções dos feirantes em relação à feira livre dos municípios de São Pedro do Sul (RS) e Santo Augusto (RS)**. Santa Maria: REMOA- Revista de Monografias Ambientais, vol. 14, n. 2, pg. 3203-3212, 2014, pg. 3207.

importantes universidades públicas e privadas do país. Formada por docentes, pesquisadores, técnicos e discentes de diversas áreas profissionais, cuja identidade é produzir e difundir conhecimento, apoiando iniciativas locais de geração de renda, na concretização das políticas públicas sociais e de trabalho, na perspectiva do direito e defesa da cidadania. Nossa ideia é integrar universidade e trabalhadores para o desenvolvimento de ações que subsidiem as lutas por qualidade de vida e sustentabilidade. Buscamos também a síntese do saber produzido na academia com o saber dos trabalhadores para qualificar a organização e a ação social por meio de formação e educação continuada.

Desta forma, perto de completar dez anos de atuação, a Incubadora da UEM em Umuarama acumulou extensivo trabalho de assessoria a produtores e instituições do território Consad Entre-Rios⁹. Foram desenvolvidas assessorias técnicas¹⁰ de agronomia, engenharia de alimentos, tecnologias sociais¹¹ de empoderamento¹² feminino, e redução de danos¹³ com artesanato sustentável, além da organização produtiva e formalização de grandes coletivos como a COOPERAGRA – Cooperativa Agrária de Assentados do Vale do Piquiri, e a AMANA – Associação de Mulheres do Assentamento Nossa Senhora Aparecida, ambos de Mariluz. Trabalhamos com entidades assistenciais públicas e privadas do município, como a Associação Vida & Solidariedade, o CRAM – Centro de Referência em Assistência da Mulher ou o CREAS – Centro de Referência e Especialidades em Assistência Social, bem como mais cinco pequenos produtores rurais de agricultura familiar de Cruzeiro do Oeste, Serra dos Dourados e Xambrê, sendo que nesta última cidade, vizinha à Umuarama, um exitoso trabalho tornou uma pequena propriedade rural em ‘Unidade Demonstrativa’ dos processos de incubação, no uso exemplar de tecnologias sustentáveis de manejo de pasto, produção leiteira e cultivo agroecológico.

⁹ Chamadas Públicas: Edital MCT/FINEP/MDS/CAIXA - 01/2005 – Incubação da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários, Edital MDS/SESA/PRONINC – 08/2008 – Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários em municípios pertencentes ao território Consad Entre-Rios, Convênio UNIÃO/MDS/fundaçãoUEM – 021/2008 – Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários em municípios do território Consad Entre-Rios.

¹⁰ CULTI, op.cit., 2011, pg. 64.

¹¹ CARVALHO, op.cit., 2016, pg. 34.

¹² ALMEIDA, Shirley P. N. de C.. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira livre do bairro Major Prates em Montes Claros, Minas Gerais**. Montes Claros: UNIMONTES, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, 2009, 36.

¹³ PASSOS, Eduardo H.; SOUZA, Tadeu P.. **Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de ‘guerra às drogas’**. Rio de Janeiro: ABRAPSO, Psicologia e Sociedade, pg. 154-162, 2011, 154.

Ainda assim, apesar da Incubadora desenvolver um papel preponderante na formação e capacitação de numerosos grupos de produção agroecológica e artesanal, sofria fortes entraves estruturais, institucionais, políticos ou mesmo pessoais, para efetivar o escoamento dessa importante fonte de geração de trabalho de renda e, nesse sentido, foi preponderante o estabelecimento de uma feira de organização universitária¹⁴. A dinâmica de inclusão¹⁵ e acessibilidade¹⁶ de uma feira livre atenderia a continuidade do processo incubatório, viabilizando a exposição de todos os tipos de produtos desenvolvidos nos empreendimentos e, sobretudo, estabeleceria o contato direto e acessível da produção socialmente sustentável e do trabalho extensionista com a comunidade. Assim, seguindo o sentido paradigmático deste projeto, “só se pode considerar que uma universidade cumpre efetivamente seu papel social quando se mede o alcance de sua política de extensão, a diversidade de trabalho e o engajamento que, nessa área, consegue de seus alunos, professores e servidores junto à sociedade na qual se integra”¹⁷.

Portanto, em respeito aos limites sociais, foi emblemático o fato de que os empreendedores incubados não conseguissem se estabelecer nas feiras livres tradicionais da cidade. A inexperiência na exposição de seus produtos à comunidade se aliava à falta de traquejo, jocosidade e performance, naturais da venda direta¹⁸ em feiras livres¹⁹. Por outro lado os produtores assessorados relatavam sobre a competição e intimidação que há dentro das feiras livres²⁰. A dizer, como a maioria dos expositores das feiras tradicionais é composta de intermediários²¹, adquirindo mercadorias de outros produtores ou de centros de abastecimento²², visando apenas lucro²³, os pequenos produtores foram pressionados a ficarem fora do espaço comum das feiras, devido seus preços

¹⁴ ASSAD, Patrícia; DA COSTA, Renata M. A.; FARIA, Maurício S.. **Agroecologia e economia solidária: a experiência da feira agroecológica ECOVÁRZEA**. Campina Grande: UFPB, 2016.

¹⁵ COÊLHO, Jackson D.; PINHEIRO, José C. V.. **Análise das formas de governança dos feirantes que atuam nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará**. Porto Alegre: UFC, 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009 e CULTI, op. cit., pg. 35.

¹⁶ MIRANDA, Gustavo M. S.. **A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB)**. Recife: UFPE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2009, pg. 60.

¹⁷ CULTI, op. cit., 2011, pg. 60.

¹⁸ SILVA, op. cit., 2014, pg. 3204.

¹⁹ ALMEIDA, op. cit., 2009, pg. 105.

²⁰ SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira-livre**. Porto Alegre: Psicologia e Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, n. 19, Edição Especial 1, pg. 95-120, 2007, pg. 99.

²¹ PASSOS, op. cit., 2011, 24.

²² COÊLHO, op. cit., 2009, pg. 15.

²³ COÊLHO, op. cit., 2009, pg. 4.

competitivos. No entanto, o fato mais marcante para a criação de uma feira livre como projeto extensionista, foi que os produtores incubados faziam questão de mostrar os produtos com faixas e cartazes enunciando sua origem agroecológica ou orgânica, o que resultou em celeumas e constrangimentos maiores dos feirantes tradicionais, que em sua grande maioria estão ligados ao agronegócio e produtos cultivados com fertilizantes e defensivos químicos²⁴.

Breve histórico e etimologia da feira livre:

“A feira livre representa uma das formas mais antigas de comercialização de produtos agrícolas. Existem registros de que os povos sumérios já faziam uso desse processo de comercialização em 3.000 a.C., fazendo trocas e barganhas em um local específico da cidade, em um dia determinado da semana”²⁵.

De acordo com André Bourguignon, podemos corroborar esta afirmação, afinal, os três elementos fundamentais no processo de hominização para o nascimento da organização social são a ‘linguagem’, que remonta, aproximadamente, 50 mil anos, a ‘escrita’ que tem sua aquisição mais bem datada em 3.300 anos a. C, e a prática de ‘estocagem de alimentos’ qual advém das relações sociais então possibilitadas pelo uso da linguagem falada e da escrita²⁶. Ora, a riqueza natural nunca possuiu um espaço perene, e naquela época o homem devia se prestar a deslocamentos constantes para colher, caçar e poder guardar seus alimentos, impedido de estocar mais do que o estritamente necessário, pois o excedente seria um fardo. O produto devia ser facilmente transportável e permitir liberdade de movimentos para garantir a salvaguarda do grupo²⁷. De qualquer forma, nos locais de fixação, os alimentos mais importantes deveriam ser imediatamente divididos e consumidos, enquanto que os produtos de coleta estavam dispostos no caminho, o que ocasiona trocas diversas e casamentos entre indivíduos de grupos diferentes para garantir a exogamia²⁸. Desta forma, estas trocas sociais cumpriam o papel

²⁴ VIAL, op. cit., 2009, pg. 8.

²⁵ SALES, Aline P.; Rezende, Lilian T.; SETTE, Ricardo de S.. **Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais**. João Pessoa: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relação de Trabalho, 2011, pg. 2.

²⁶ BOURGUIGNON, André. **História natural do homem: vol. 1, o homem imprevisto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, pg. 205-214.

²⁷ Ibidem, pg. 214.

²⁸ Regime social em que os matrimônios se efetuam com membros de tribo estranha, ou, dentro da mesma tribo, com os de outra família ou de outro clã. In. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980, pg. 754.

fundamental na coesão e organização desses grupos que, enfim, representaram o embrião de uma nova aglomeração humana a partir destas práticas rudimentares de atividades sociais e comerciais, sendo que o aparecimento das cidades está estreitamente relacionado com as ‘feiras’, como constituintes inequívocos de uma dinâmica específica de ocupação de espaço²⁹, comprovado hodiernamente quando os pesquisadores atribuem o papel histórico das feiras no “surgimento dos centros econômicos das cidades, ainda sobrevivendo em meio a modernidade e as novas tecnologias”³⁰.

Ainda que possam remontar o surgimento das feiras, similares às atuais, ao Oriente Médio, por volta de 500 a.C.³¹, a maioria dos pesquisadores atribui o fato à Idade Média, remetendo à condição de saúde dos indivíduos e a necessidade de estar em harmonia com o corpo, preconizadas pelos gregos³².

No Brasil, as feiras livres iniciam no período colonial, sendo que no século XVIII e XIX, eram feitas fora da cidade, nos locais de pouso das tropas e, somente em 1914, o prefeito de São Paulo, Washington Luiz, oficializou as feiras permitindo que acontecessem em qualquer lugar da cidade³³.

A palavra ‘feira’ advém do latim. No singular: ‘feria’ ou ‘feriae’, literalmente significa dia de festa, dia santo ou feriado, sendo originalmente atrelada ao local escolhido para efetivação de transações de mercado em dias fixos e horários determinados. No plural, ‘feirarum’, tem que ver com os dias consagrados ao repouso, as férias³⁴.

2 METODOLOGIA

De uma forma geral, as feiras livres acontecem em vias ou espaços públicos, dispostas ao ar livre e com instalações provisórias, relacionando diretamente o produtor ao consumidor final. Notoriamente, permite a escolha, manuseio ou mesmo a experimentação do produto, seguindo o formato de venda do varejo tradicional, onde mesmo com preços mais acessíveis, ainda proporciona um espaço de barganha dos

²⁹ VEDANA, Viviane. “Fazer a feira”: um estudo etnográfico das ‘artes do fazer’ de feirantes e fregueses da feira livre da EPATUR no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004, pg. 11.

³⁰ MEDEIROS, M. J. C.. **O turista vai à feira: usos e possibilidades do turismo cultural na feira livre de Currais Novos, Rio Grande do Norte**. Natal, UFRN, 2013, 43.

³¹ SANTOS, Julio C.. **Feiras livres: suas origens e relações de consumo**. Rio de Janeiro: Site Comunidade ADM, 16-01-2012.

³² ALMEIDA, op. cit., 2009, pg. 22, e SATO, op.cit. 2007, 95.

³³ GIANNECCHINI, Laura M.; AZEVEDO, Maria M.; BOTELHO, Ricardo A.. **Feira também é cultura! Feiras livres como espaços de intensa sociabilidade na cidade de São Paulo**. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Departamento de Antropologia, 2007, pg. 6.

³⁴ GIANNECCHINI, op.cit., 2007, pg. 11.

produtos, dado que estes produtos também estão livres dos impostos³⁵ do comércio formal, se constituindo num dos mais importantes meios de consolidação econômica e social a agricultura familiar³⁶.

Enfim, a partir desta acessibilidade estrutural das feiras livres e ancorados em uma metodologia dialógico-participativa³⁷, consensualmente, pleiteamos junto aos responsáveis pelas feiras da cidade, Secretaria de Meio Ambiente, Emater e Aproveuma – Associação Profissional do Comércio Varejista dos Feirantes de Umuarama, o espaço coberto que abriga uma feira-livre às quartas-feiras. Dentro da ‘zona V’ da cidade de Umuarama, em uma parte relativamente central, localizada numa avenida de tráfego intenso durante a semana, na parte traseira do estádio municipal, o espaço coberto de feira se estende por mais de 150 metros com uma marquise de pelos menos 10 metros, atingindo, aproximadamente, 2.400 metros quadrados de área coberta. Decidimos então oficializar a FAISCA aos sábados, dado que há feiras na cidade de terça a domingo, sendo que as segundas-feiras são dias de descanso dos feirantes. Procuramos iniciar a feira nas tardes de sábado, após as 16:00 horas, dado que alguns produtores ou familiares trabalhavam de segunda a sábado e, como iríamos abrigar apresentações culturais ou acadêmicas, devido ao calor intenso da região, teríamos maior conforto térmico. Mesmo não precisando de barracas cobertas, precisávamos de expositores e, num momento crucial quando era urgente levantarmos a estrutura da feira, conseguimos que o Uopecan, Hospital de Câncer de Cascavel, qual estava abrindo uma filial na cidade, doasse madeiras utilizadas nas caixas de transportes dos grandes aparelhos comprados pelo hospital. Assim, não tivemos menos trabalho nos cinco mutirões que integraram assentados, produtores locais, alunos, bolsistas e docentes da região, para construir os balcões de exposição de produtos com madeiras das caixas de transporte dos aparelhos médicos doadas pelo hospital³⁸.

A ‘reunião’ destes empreendimentos e o acesso semanal aos bolsistas, coordenação e técnicos facilitou e incrementou o trabalho metodológico de incubação, possibilitando encaminhar pesquisas sobre o caráter interinstitucional da feira³⁹, sobre o

³⁵ GIANNECCHINI, op.cit., 2007, pg. 12.

³⁶ COELHO, op. cit., 2009, pg. 2.

³⁷ CULTI, op. cit., 2011, pg. 36.

³⁸ ARAÚJO, Alessandro F.; RICKLI, Max E.; MOREIRA, Ronaldo J.; CASONI, Thiago. **FAISCA acesa: os limites da extensão**. Maringá: Anais do XIII Fórum de Extensão e Cultura, UEM, 2015.

³⁹ ARAÚJO, Alessandro F.; RICKLI, Max E.; MOREIRA, Ronaldo J.; CASONI, Thiago; ARAUJO, Noelma L.; MARINHO, Enéias G.. **FAISCA acesa: os limites da extensão**. Maringá: Anais do XIII Fórum de Extensão e Cultura, UEM, 2015.

apoio irrestrito a mídia⁴⁰ local e entrevistas de satisfação⁴¹ com usuários e empreendimentos da feira.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mais preocupados com os processos de incubação e produtores rurais, fomos surpreendidos pelo caráter interinstitucional que a FAISCA iria constituir, ainda com extenso apoio da mídia e comunidade local. Nesse sentido abrigamos o projeto ‘Bem Viver’, de diagnóstico da saúde do corpo e o projeto artístico ‘IFmusic’, ambos coordenados por professores do IFPR - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná. Recebemos professores da UNIPAR – Universidade Paranaense e do SESC em nossas rodas de conversas temáticas, workshops gastronômicos e oficinas artesanais. Abrigamos produtos de entidades assistenciais como o lar de crianças ‘Casa da Paz’, o GUPV- Grupo União Pela Vida, de apoio a soropositivos e familiares, o coletivo de artesãs de Maria Helena ‘Mãos que fazem’, ou Ongs particulares como ‘Os dentistas do bem’ e os ‘Risologistas’ que vieram abrilhantar o uso do espaço de feira. Foram expostos painéis e pesquisas das faculdades de veterinária e engenharia de alimentos da UEM em de Umuarama. Praticamente todas as mídias impressas, virtuais e televisivas locais nos colocaram em suas matérias⁴². E devido este imenso apoio solidário, atingimos o final do primeiro ano de feira com 92% de plena satisfação dos usuários. Foi esta interinstitucionalidade e abertura à mídia e à população regional que a tornou um espaço notabilizado e diferencial, articulando projetos institucionais privados ou particulares, individuais ou coletivos, acadêmicos ou não, mas, sobretudo, efetivando um contato único com a comunidade em geral.

A despeito do espaço acadêmico e interinstitucional, a FAISCA também atraiu e dá visibilidade a grande diversidade de artistas, realizando shows de banda musical, solos de voz e violão, ‘blues’, ‘pop rock music’, ‘rap’, sertanejo universitário ou de raiz, com os mais importantes artistas da cidade e região. Fanfarras do município e de bairro, corais públicos, grupos gospel, apresentações de teatro, palhaços, dança e capoeira, bate-papos

⁴⁰ ARAÚJO, Alessandro F.; RICKLI, Max E.; MOREIRA, Ronaldo J.; CASONI, Thiago. **IEES, nós temos mídia!** Maringá: Anais do XIII Fórum de Extensão e Cultura, UEM, 2015.

⁴¹ LEAL, Natália G.; FRAMESCHE, Letícia; MAGERSKI, Juliane M.. **Pesquisa sobre satisfação dos usuários da FAISCA.** Maringá: Anais do XIII Fórum de Extensão e Cultura, UEM, 2015.

⁴² O jornal Umuarama Ilustrado e a Tribuna Hoje, as mídias virtuais do OBEMDITO e Portal da Cidade e, as TVs Caiuá, TV UP, canal da Universidade Paranaense e a Paraná RPC, afiliada da Globo.

culturais com reconhecidos escritores locais, iriam ascender a FAISCA ao maior espaço democrático de divulgação da cultura de Umuarama e região⁴³.

Inaugurada em 29 de agosto de 2015⁴⁴, a FAISCA completou, em março de 2018, dois anos e oito meses, com 124 versões semanais, praticamente ininterruptas, somando 271 atrações estritamente solidárias, divididas em 58 apresentações de música solo, 61 grupos musicais, 8 espetáculos de dança e 10 teatrais. Pelo menos 12 exposições de arte, 8 rodas de conversa temáticas, 8 painéis acadêmicos e mais 34 atividades como oficinas, workshops ou intervenções de ONGs, eventos de grupos coletivos e movimentos sociais, festivais de bebidas ou o sétimo encontro paranaense de economia solidária, eventos que se fossem pagos demandariam mais de 100 mil reais em custos. Atingiu um público total de aproximadamente 70 mil pessoas, acumulando para os empreendimentos incubados e expositores agregados quase 150 mil reais em retorno financeiro. Extrapolando em reciprocidade e solidariedade toda a estrutura acadêmica e extensionista da incubadora universitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que mesclar relações de trabalho e familiares, de vizinhança e amizade⁴⁵, as feiras suprem a incapacidade do sistema capitalista de oferecer pleno emprego, gerando milhares de empregos, mostrando a força da informalidade e abrindo o espaço público à mobilidade social⁴⁶. Atualmente fora das classificações formais da feira livre, a feira livre universitária ainda propõe um espaço protegido onde a competição natural da feira tradicional é trocada pela reciprocidade entre produtores, expositores, bolsistas, professores e artistas locais, permitindo uma auto-regulação afinada com o contexto atual, podendo mesmo prescindir da estrutura universitária, por vezes deficiente de fomento para seus projetos. Ao agregar grupos de movimentos feministas negros, ativistas sociais, grupos alternativos de música, alunos de ensino médio, estágios acadêmicos, pesquisas de pós-graduação, e mesmo uma moeda social própria (figura 1), a FAISCA – Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultura e Artes extrapolou as metas de incubação a

⁴³ OBEMDITO. **Faisca: espaço democrático de divulgação da cultura de Umuarama**. Plataforma digital. 23/05/2016.

⁴⁴ DELGADO, Luiz F. **Começa hoje a feira do produtor com alimentos da agroecologia e cultura**. Umuarama: jornal Umuarama Ilustrado, 29-08-2015.

⁴⁵ SATO, op. cit., 2007, pg. 95.

⁴⁶ MIRANDA, op. cit., 2009, pg. 39-45.

que estava atrelada, propondo uma nova forma de trabalhar e fazer pesquisa em extensão universitária qual, em permanente contato com grupos e movimentos sociais, dá caráter de urgência e profundidade às mais diversas demandas sociais e culturais, nos mostrando claramente que “quanto menor a cidade em termos de centralidade, maior será a importância relativa da feira semanal para a vida urbana”⁴⁷, o que habilita, como já em processo, que a FAISCA se torne uma espécie de franquia social pertinente aos projetos de cidadania nos municípios da região e além.



Figura 1: moeda social FAISCA

⁴⁷ MIRANDA, op. cit., 2009, pg. 52.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alessandro F.; RICKLI, Max E.; MOREIRA, Ronaldo J.; CASONI, Thiago. **FAISCA acesa: os limites da extensão**. Maringá: Anais do XIII Fórum de Extensão e Cultura, UEM, 2015.

ASSAD, Patrícia; DA COSTA, Renata M. A.; FARIA, Maurício S. **Agroecologia e economia solidária: a experiência da feira agroecológica ECOVÁRZEA**. Campina Grande: UFPB, 2016.

ALMEIDA, Shirley P. N. de C. **Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira livre do bairro Major Prates em Montes Claros, Minas Gerais**. Montes Claros: UNIMONTES, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, 2009.

BOURGUIGNON, André. **História natural do homem: vol. 1, o homem imprevisto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CARVALHO, Ana Maria R.; LADEIA, Carlos R. (Orgs.). **Metodologia de incubação e de diagnóstico participativo: estratégia de trabalho com grupos populares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, Bauru: Canal 6, 2016.

COÊLHO, Jackson D.; PINHEIRO, José C. V. **Análise das formas de governança dos feirantes que atuam nas feiras livres de Cascavel e de Ocara, no Ceará**. Porto Alegre: UFC, 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009.

CULTI, Maria Nezilda (Org.). **Incubadora universitária de empreendimentos econômicos solidários: aspectos conceituais e práxis do processo de incubação**. Maringá: MDS/PRONINC, UEM/Núcleo/Incubadora/Unitrabalho, 2011.

GIANNECCHINI, Laura M.; AZEVEDO, Maria M.; BOTELHO, Ricardo A. **Feira também é cultura! Feiras livres como espaços de intensa sociabilidade na cidade de São Paulo**. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Departamento de Antropologia, 2007.

HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline M. (Orgs.). **Economia solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra: Edições Almedina S. A., 2011.

INÁCIO, Simone de Lima. Estágio supervisionado curricular: **Projeto de Intervenção na FAISCA**. Psicologia Comunitária e Economia Solidária: **Relato de experiência na Feira Agroecológica de Inclusão Social, Cultura e Artes, FAISCA**. Universidade Paranaense. Curso de Psicologia, 2016.

MEDEIROS, M. J. C. **O turista vai à feira: usos e possibilidades do turismo cultural na feira livre de Currais Novos, Rio Grande do Norte**. Natal, UFRN, 2013.

MIRANDA, Gustavo M. S. **A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB)**. Recife: UFPE,

Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2009.

OBEMDITO. **Faisca: espaço democrático de divulgação da cultura de Umuarama.** Plataforma digital. 23/05/2016.

PASSOS, Eduardo H.; SOUZA, Tadeu P. **Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de ‘guerra às drogas’.** Rio de Janeiro: ABRAPSO, Psicologia e Sociedade, pg. 154-162, 2011.

PINTO, João Roberto L. **Economia Solidária: de volta à arte da associação.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

VERONESE, Marília Veríssimo. **Psicologia social e economia solidária.** Aparecida: Ed. Ideias & Letras, 2008.

SALES, Aline P.; Rezende, Lilian T.; SETTE, Ricardo de S. **Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais.** João Pessoa: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relação de Trabalho, 2011.

SATO, Leny. **Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade.** São Paulo: Edusp, 2012.

SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira-livre.** Porto Alegre: Psicologia e Sociedade: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, n. 19, Edição Especial 1, pg. 95-120, 2007.

SANTOS, Julio C. **Feiras livres: suas origens e relações de consumo.** Rio de Janeiro: Site Comunidade ADM, 16-01-2012.

SENAES/MTE. **Avanços e desafios para as políticas públicas de economia solidária no governo federal 2003/2010.** Brasília: SOLTEC/UFRJ, Núcleo de Solidariedade Técnica, 2012.

SENAES/MTE. **Economia solidária na política pública municipal.** Brasília: Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária, 2012.

SILVA, Francisca E. S. **A pedagogia da feira livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel, Ceará.** Fortaleza, UFC, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, 2014.

SILVA, Gustavo P.; PARIS, Julio C.; SAMBORSKI, Tarcísio; DÖOR, Andrea C. **Perfil e percepções dos feirantes em relação à feira livre dos municípios de São Pedro do Sul (RS) e Santo Augusto (RS).** Santa Maria: REMOA- Revista de Monografias Ambientais, vol. 14, n. 2, pg. 3203-3212, 2014.

SILVA, Hellen M. S.; MIRANDA, Eduardo O.; JUNIOR, Luis V. C. **Feira livre enquanto espaço de sociabilidade, trabalho e cultura: tramas e subjetividades na feira de Acari, Maragogipe, Bahia.** Vitória da Conquista, UEFS, Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, n. 18, 273-290, 2014.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Carolina R. **As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo do trabalho-educação**. Belo Horizonte: PUCMG, Trabalho Necessário, ano 13, n. 22, 2015.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a feira”**: um estudo etnográfico das ‘artes do fazer’ de feirantes e fregueses da feira livre da EPATUR no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

VIAL, Luiz A. M.; SETTE, Tania C. C.; SELLITTO, Miguel A. **Cadeias produtivas: foco na cadeia produtiva de produtos agrícolas**. Florianópolis: UFSC, III Encontro de Sustentabilidade em projeto do Vale do Itajaí, 2009.